

FACONNECT/ A CASA TOMBADA



Viviane Fonseca Gonçalves

SER TE DÃO

(Certidão)

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu **NARRAÇÃO ARTÍSTICA: CAMINHOS PARA CONTAR HISTÓRIAS EM CONTEXTO URBANO** apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de especialista em **NARRAÇÃO ARTÍSTICA**, sob orientação do Prof. Dr. Giuliano Tierno e da Profa. Ms. Leticia Liesenfeld Erdtmann, com co-orientação da Prof^a Ms. Sandra Lessa e Prof^a Esp. Yohana Ciotti.

São Paulo/SP

2023



História

*Quando todas as palavras do dicionário
ficam à disposição de quem quiser
para contar qualquer coisa que tenha acontecido
ou sido inventada.*

Adriana Falcão

ÍNDICE

Agradecimentos	5
Introdução	
Parte 1 – Carta para Mim	6
Parte 2 – Carta para minha Mãe	8
Parte 3 – Carta de minha Mãe para Mim	10
Capítulo 1	
Certidão de Nascimento (SER-TE-DÃO)	11
Carta para Deus	11
Nasci	11
Capítulo 2	
RG (Regozijos de Gente)	16
Carta para Teacher Iderly	16
Problema?	17
Capítulo 3	
CPF (Caráter Por se Formar)	22
Carta para minhas Irmãs	22
Saco Azul	23
Capítulo 4	
Título de Eleitor (Escolher)	29
Carta para Vóinha	29

O que você vai ser quando crescer? -----	29
Capítulo 5	
CNH (Capítulo da Nobre Homenagem) -----	34
Carta para Vovô -----	34
Alecrim Podre -----	36
O Bolo da Lotação -----	41
Perder-se pode ser Encontro -----	43
Capítulo 6	
Carteira de Trabalho -----	45
Carta para Papai -----	45
Minha maior Fã -----	46
Capítulo 7	
Passaporte (para o leitor compreender essa viagem) -----	48
Diário do Processo Criativo – Historiar e Transcriar -----	51
Diário do Processo Criativo – O Teatro Documentário -----	53
Conclusão -----	56
Anexo 1 – Mito de Origem -----	57
Anexo 2 - Pharmakon -----	61
Bibliografia -----	63

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram de maneira significativa para a realização deste trabalho. Sem o apoio, orientação e incentivo, este estudo não teria sido possível.

Primeiramente, agradeço aos meus orientadores e guias neste trajetar: Prof. Dr. Giuliano Tierno e Profa. Ms. Leticia Liesenfeld Erdtmann. Todos os direcionamentos, incentivos e provocações foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também às co-orientadoras Prof^a Ms. Sandra Lessa e Prof^a Esp. Yohana Ciotti. Suas contribuições foram de grande generosidade e valia para o resultado. Um agradecimento especial à Prof^a Ms. Sandra Lessa, que foi a grande responsável pela temática escolhida. O interesse pelo assunto iniciou-se com suas propostas.

Agradeço aos leitores convidados para o dia da apresentação pública do trabalho, Marcelo Soler e Emilie Andrade, por quem tenho enorme apreço e admiração.

Agradeço também aos meus colegas de curso, nosso comboio, que compartilharam seus conhecimentos e histórias de vida, enriquecendo a minha compreensão sobre o tema e estimulando minha criação.

Agradeço à minha família, que é coautora indireta desse trabalho e me deu licença para registrar nossas histórias.

Minha mãe merece um agradecimento especial, pelas contribuições, por ser a grande protagonista da pesquisa, pelo apoio incondicional, incentivo constante e amor dedicado, que me motivam não apenas a persistir em busca dos meus objetivos acadêmicos, mas em meus objetivos de vida.

Muito obrigada.

Vivi Gonçalves

INTRODUÇÃO – Parte 1 – Carta para mim

Vivi,

2022. Você finalmente conseguiu se matricular naquele curso que você namorava há anos... A entrada nessa Casa viria a te remexer, tombar convicções, balançar as estruturas. Você entrou de fininho... Devagar foi conhecendo os cômodos-pessoas, com pé direito alto – tão imensos – com tanto espaço para acolher e bagagem para dividir.

Depois de caminhar pelos espaços, sentindo tantos aromas preciosos e emprestando também o seu cheiro, você rememora o perfume preferido para debruçar sua escrita.

Os encontros com Sandra Lessa tinham cheiro! Cheiro de café com bolinho de chuva... Cheiro de chuva caindo no jardim... Cheiro de saudade! Esses aromas te fizeram viajar no tempo, para um tempo além do seu. Você percebeu o quão significativas são as criações que partem da sua ancestralidade, que permitem uma visita a um passado tão longínquo, fazendo perceber o quanto existimos antes mesmo de sermos nós. Nesse encontro com esse “eu longínquo” você curou feridas que nem sabia que existiam, você lembra? Ah, você lembra!

Esse cheiro de Casa (olha ela aí outra vez) guiou sua memória para um passado não tão distante. O cheiro agora é o de xampu de camomila, dos cachos dourados de Marcelo Soler. O Teatro Documentário, especificamente aqueles processos que utilizam a própria memória do artista como matéria prima da criação, te presenteou com essa sensação de pertencimento difícil de explicar, mais simples de sentir. Mas uma coisa você sabe: isso te lembra a potência em forma de palavra que saía da boca vermelha de Sandra Lessa.

Assim nasce uma ideia, plantada nesse jardim de memória, cheia de cheiro e cor. Cheia de Casa. Cheia de vida. Da sua vida... Você pretende, com essa escrita produzir um procedimento de trabalho, justapondo os caminhos trilhados com Sandra Lessa na pós-graduação e com Marcelo Soler no Teatro

Documentário, a partir do relato da sua ancestralidade, encontrado nestes dois percursos/experiências.

Deseja, ainda, ao dividir esse procedimento criativo como contadora de histórias, apresentar uma solução possível (e fértil) aos colegas narradores que, assim como você, esbarram na questão dos direitos autorais, quando se trata do mercado das contações de histórias. Muitas vezes, a perder de vista, você não contou exatamente aquilo que gostaria de contar, mas o que era possível contar. Sendo autora das suas próprias histórias, escrevendo sua própria matéria-prima, esse problema deixaria de existir. Crie um repertório autoral de trabalho, acreditando na potência dessa matéria!

Por onde começar? Puxe aí pela memória tudo que mais lhe marcou ao passar dos anos... Você sabe essa resposta. Sempre soube.

Agora sabemos por que você está escrevendo isso em forma de carta. Já estamos documentando tudo! Que maravilha.

Recorra a mim, sempre que precisar. Caminhamos juntas.

Com afeto e paciência,

Vivi.

INTRODUÇÃO – Parte 2 – Carta para minha mãe

Mãe,

Eu sempre disse que um dia iria escrever você. Sim, escrever você. E não para você (isso eu já faço o tempo todo). Sinto que esse momento chegou.

Fico revisitando meus passos até aqui. Em todas as pegadas no caminho há tanto de você... Esse seu pezinho 33/34, rachado e cascudo (que também herdei), tem uma marca sem tamanho no meu trajeto.

Lembro-me com clareza da sua narrativa sobre o dia do meu nascimento, em que ao invés de chorar, você teve uma crise de riso! Antigamente eu era melindrada com essa história... Hoje percebo o quanto ela é original. Aliás, o riso combina bem mais com a gente!

Lembro-me também das suas artimanhas para nos educar, eu e minhas irmãs, com tanta leveza... Que delícia foi aprender sobre organização com a “Campanha Tudo no Lugar”. Até os “traumas” causados pelo “Saco Azul” tinham uma grande porcentagem de brincadeira e ludicidade.

O “Robozão” fazia com que todas as minhas amigas quisessem ir brincar em nossa casa após a escola. E o dia da “Mágica”, você se lembra? Nos preparamos o dia inteiro para fazer a Vanessa desaparecer, diante de seus olhos. E conseguimos! O clímax foi o seu desespero para trazê-la de volta... (Escrevo isso em meio a muitas risadas).

E as histórias que são somente suas, que cresci ouvindo, todas impagáveis! A primeira (e única) cola na escola, o tal “alecrim podre”. O dia em que você, perdida no metrô, pediu ajuda a um deficiente visual. O bolo que distribuiu na lotação, antes de chegar no serviço... Tantas histórias...

As frases que me disse e que são como tatuagem na minha pele, tamanha parte de mim que são. “A gente não perde nada sendo bom, filha”. “Na vida a gente tem que fazer o que sabe fazer”. “Tem alguém que trabalha com isso, não

tem? Por que não pode ser você?”. “Quando a gente ama o que faz, faz bem, não tem jeito!”.

E em meio a tantas frases, tantas histórias e tanto apoio, me tornei quem sou. E sou tanto de você, minha mãe... Por isso te escrevo. Para contar que vou escrever você!

Do seu incentivo, virei artista. E uma artista tão apaixonada pelas palavras (mais uma influência sua). Aos 38 anos, cursando pós-graduação em Narração Artística, fui provocada com a citação “a originalidade é o quanto cada um se aproxima de si mesmo”. E sou tanto de você, minha mãe...

Vou registrar suas histórias, nossas histórias... Documentar mesmo, para que elas se eternizem para além de nós.

Posso, mãe? Você me deixa escrever você? Quero criar esse repertório tão nosso, tão lindo, como principal material de trabalho como narradora artística. Deixa, mãe?

Daquela que te ama em todos os tempos...

Vivi.

INTRODUÇÃO – Parte 3 – Carta de minha mãe para mim (resposta real, após meu envio)

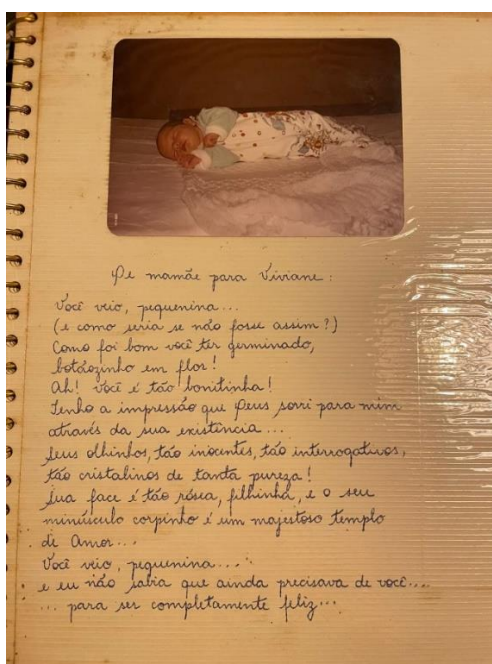
Querida filha,

Vivi amada,

O seu pedido para “me escrever” causa-me emoção e me honra. Sou personagem da sua história, da mesma forma que você é da minha. Nossas vidas estão interligadas, desde o seu nascimento.

No primeiro instante, antes de ficar sozinha com você no quarto da maternidade, pela primeira vez, realmente não consegui chorar e tive, inexplicavelmente, uma crise de riso. Achei você tão bonitinha! Parecia uma bonequinha, pequenina e toda “cheinha”. Como a vovó falou, você era “enxutinha”. Dei risada pela surpresa que me fez, porque chegou de repente, como um presente inesperado e que me tornou, finalmente, e só então, feliz de verdade, porque eu não sabia que ainda precisava de você para ser completamente feliz.

Com você nos meus braços, chorei um pranto emocionado, de quem se sentia inteira. Foi nesse momento inesquecível que “escrevi você” pela primeira vez. O poema você tem guardado no seu álbum do primeiro ano de vida.



CAPÍTULO 1 – Certidão de Nascimento (Ser-Te-Dão)

Deus,

Se me desse mil vidas, mil vezes eu escolheria essa mesma barriga para habitar. Que sorte, sempre penso...

Que treco doido esse troço de nascer, hein?! O Senhor é mesmo perfeito! O Senhor, que é o universo todinho e a própria natureza, sabe mesmo das coisas...

O amor, que em sua forma mais pura é encontro, embora, por vezes, haja tanto desencontro entre essas suas criaturas, aproxima dois seres de modo tão profundo que se faz necessário tornar-se um. E esse um é tão imenso que até se multiplica!

Nascemos! Embarcamos para a maior de todas as aventuras: a vida! Cada um acredita no quem bem entender sobre esse mistério. Eu tenho para mim que aqui estamos para que a alma, em contato com tantas outras almas, cresça, crie asas, voe... E encontre seu lugar!

Saiba, senhor Deus, que ando muito agradecida pelos encontros que planejou (planejamos?) para mim. Os laços mais estreitos poucas vezes tornaram-se nó(s).

O Senhor se lembra do dia do meu nascimento? Vinte e dois de março de mil novecentos e oitenta e cinco. São tantas criaturas, não é mesmo? Vou te ajudar a lembrar. Foi mais ou menos assim...

NASCI

Todo mundo tem história de nascimento para contar, não é mesmo? Se não for do próprio nascimento, é a do amigo do filho do vizinho... Ou da cunhada da prima distante...

Quando minha mãe foi minha casa, eu tive que dividir o espaço com DIUlinda. Não nos dávamos bem... Parecia que ela estava o tempo todo contra mim... Parecia que ela queria me tirar dali, sabe?

DIUlinda me cutucava o tempo todo. Até hoje sinto uma dorzinha bem aqui nas costas por conta de um tempo que ela resolveu ficar paradinha ali. Teve um dia que eu a agarrei com uma de minhas mãozinhas, segurei bem firme, para que ela parasse de me incomodar. Mas, às vezes eu me distraía e a soltava... E lá ia DIUlinda, para os lugares mais incômodos.

Como se não bastasse todo desaforo que tive que aturar enquanto estávamos na barriga de mamãe, DIUlinda ainda conseguiu o título de irmã mais velha. Sim, ela nasceu antes de mim...

Que treco doido esse troço de nascer! Assim que saí já queria voltar! Esperneeí, chorei, berrei e nada! Parece que aquela, agora, seria minha realidade...

E enquanto eu berrava, senti pela primeira vez o toque de minha mãe... Senti sua pele... Seu cheiro... Era tudo tão familiar! E foi quando nossos olhares se cruzaram pela primeira vez... Eu, chorando, emocionada... Já mamãe... Teve uma crise de riso! Isso mesmo! Uma crise de riso....

E enquanto ela gargalhava eu a ouvi comentando com papai: “Mais uma menina, hein, amor?”. Pensei... Ela deve estar falando da DIUlinda. E continuei ouvindo: “Valéria, Vanessa e, agora, Viviane, mas é para todo mundo chamar de Vivi!”. Quem é toda essa gente? E cadê a DIUlinda? E misteriosamente nunca mais a vi nem ninguém falou mais dela... Mistério...

Foi então que gargalhada de mamãe se intensificou: “Olha, amor, ela é tão, tão enxutinha! Não tem mais para onde ser gordinha!”. Pois é, já nasci ouvindo essa... E não para por aí: “E ainda é peludinha! Você está vendo, amor? Tem uma espécie de penugem!”. E tudo isso em meio a gargalhadas... No mundo antes da barriga, comentava-se que quando nascíamos, as mães choravam emocionadas! Pois eu fui recebida às gargalhadas! O choro da mamãe era de riso!

Mas quando ficamos, mamãe e eu, sozinhas, pela primeira vez, ela chorou de verdade... chorou profundo... Lágrimas do mais puro açúcar! E me escreveu os seguintes versinhos:

*Você veio, pequenina...
(e como seria se não fosse assim?)
Como foi bom você ter germinado,
Botãozinho em flor!
Ah! Você é tão bonitinha!
Tenho a impressão de que Deus sorri para mim
através da sua existência...
Seus olhinhos, tão inocentes, tão interrogativos,
tão cristalinos de tanta pureza!
Sua face é tão rósea, filhinha, e o seu
minúsculo corpinho é um majestoso templo de amor...
Você veio, pequenina...
E eu não sabia que ainda precisava de você...
... para ser completamente feliz...*

Meu amor pelas palavras vem de berço... Vem de colo... Vem desse amor imensurável que existe entre mãe e filha... Filha e mãe... Desse nosso amor... As palavras estão nas minhas mais belas e profundas raízes...

O tempo, esse trem sem breque nem freio, foi passando... Passando... E esse botãozinho aqui foi virando uma pequena flor... E mamãe e eu estávamos cada vez mais próximas! Sabe alma gêmea? Tem gente que acha que isso é coisa do amor romântico. Eu não! Sempre tive certeza de que a minha alma gêmea é a minha mãe!

Temos gostos e vontades parecidas. Os caminhos trilhados são bastante semelhantes. O modo de encarar a vida... São tantas coisas! Até traços genéticos... Alguns poderiam até ter ficado para lá... Por exemplo, meu pé cascudo? Herança da minha mãe... Não tem creme que eu use que seja capaz de resolver... Essas manchinhas nas bolsas dos olhos, tudo veio dela! Mas sabe

que eu até gosto?! É assim que me lembro, ao me olhar no espelho, a importância da minha raiz... Raiz desse botão em flor que continuou a crescer.

Certa vez, já na escola, numa aula de ciências, numa dessas aulas intituladas “de onde vêm os bebês”, resolvi comentar sobre a DIUlinda. Disse que me lembrava dela na barriga, que me cutucava, que ela nasceu primeiro que eu, mas que nunca mais a vi, nem ninguém falou mais dela... É... acho que as crises de riso me perseguem. Começou uma imensa gargalhada na turma! E eu entendi que a DIUlinda tinha sido, digamos, incrementada pela minha imaginação...

Naquele dia eu descobri que DIU é na verdade um método contraceptivo, é um dispositivo Intrauterino que as mulheres colocam quando não querem ter um bebê... Não querem ter um bebê??? Não querem ter um bebê??? Como assim??? A mamãe não me queria???

Minha cabeça entrou em parafuso... E, como em todos os momentos complicados da minha vida, fui falar com a minha mãe...

Ela me explicou tudo: “Filha... Eu sempre quis um mundo de filhos! Um universo inteirinho deles! Eu e seu pai, quando você veio, vivíamos um momento de espera... Espera para decidir. Já tínhamos suas duas irmãs e aguardávamos o momento do próximo... Ou da próxima! Mas você, teimosa desde a semente, apressada, insistiu em vir, sem aviso! Que bom que você veio, filha... E como seria se não fosse assim?”

Lembram dos versinhos?

Você veio, pequenina...

E eu não sabia que ainda precisava de você...

... para ser completamente feliz...

Eu te respondo, minha mãe...

Você fez do seu corpo meu abrigo, mãezinha...

E eu também não sabia que precisava de você...

... para caminhar lado a lado nessa aventura feliz, que é a nossa vida...

CAPÍTULO 2 – RG (Regozijos de Gente)

Dear Teacher Iderly,

Você se lembra de mim, será? Bom... A senhora me deu aula no Colégio São Francisco de Assis, aulas de inglês... Que me traumatizaram um bocado! Mas calma! Continue lendo... Talvez essa carta seja para libertá-la das minhas memórias que NÃO guardo do lado esquerdo do peito... (risos) vamos tentar? Bora!

Vou ajudá-la a se lembrar de mim... Todas as vezes em que estávamos em aula, quando era para dar alguma resposta em inglês em voz alta, você dizia: “Let me see, let me see... Viviane!”. Eu sempre era sua vítima para as respostas em voz alta. SEMPRE.

Hoje, já crescida, compreendo que eu não era a única a ser chamada. Mas, com aquela minha visão de mundo, com a lente de aumento própria da idade, ah... Eu enxergava como se eu fosse a única aluna em sala, sentada naquelas carteiras de madeira com tampão verde do nosso amado “Chicão”.

Meu trauma com inglês foi tamanho que até hoje fujo dele, mesmo sabendo da imensurável importância. Apenas para que tenha noção da dimensão da minha recusa com a língua, nem músicas em inglês eu escuto. Recentemente, uma aluna veio, empolgada, perguntar se eu tinha conseguido comprar ingresso para o show da Taylor Swift. “Quem é essa?”, eu respondi. Bom, acho que deu para entender o tanto de questões sobre o assunto, que eu ainda vou tratar em terapia, não se preocupe.

A questão aqui é pensar na escola. Esse é um lugar de tantas alegrias, mas também, de tantas perturbações... E ambos estarão em nossa bagagem por uma vida toda! Hoje, como professora, reconheço seu trabalho, os desafios enfrentados, ainda mais naquela época, e tento não esquecer desse fato, para errar o mínimo possível, humana que sou (somos)... Tento ao menos não me tornar um problema para os meus alunos. Ser professor é o contrário disso...

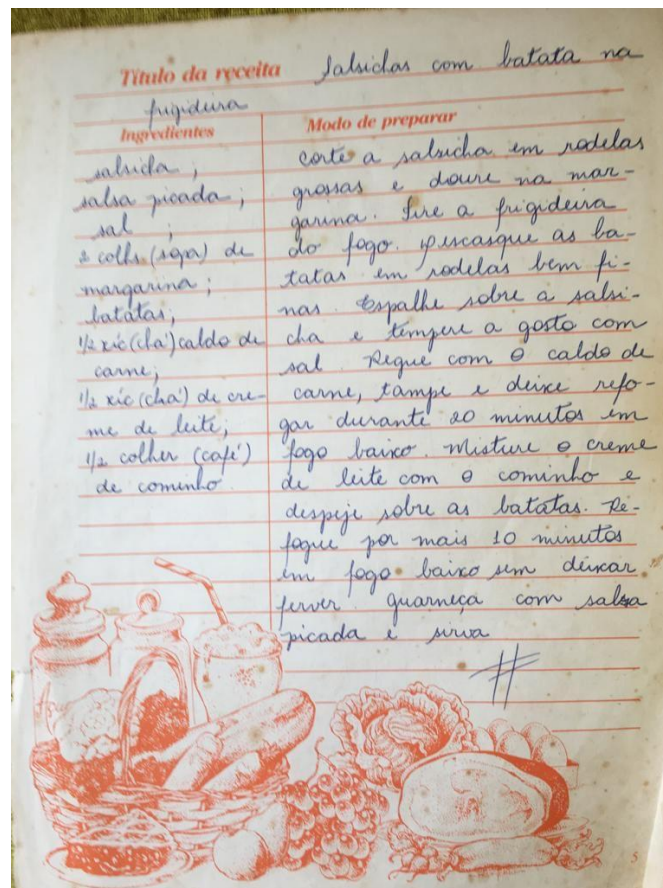
Falando em problema... Vou contar para você mais um trauma que herdei da escola. Foi mais ou menos assim...

PROBLEMA?

Era domingo. E domingo é sempre um dia preguiçoso. Não sei para vocês, mas para mim sempre foi assim... Essa história é sobre um domingo preguiçoso em que eu tinha 11 anos de idade.

Meus olhos despertaram na cama. Sabe aqueles dias em que abrimos os olhos e pensamos “vou dormir mais um pouquinho”? Então, foi isso que aconteceu. E de pouquinho em pouquinho fui me levantar da cama ao meio-dia.

Levantei e já senti um cheiro de almoço pela casa inteira. Mamãe cozinhava um prato que, até hoje, vi apenas ela cozinhar. É um prato de salsicha com batata, que vai creme de leite e precisa ser feito numa frigideira bem larga e com tampa. O segredo do gosto desse prato é o cominho, que dá um sabor e um cheiro todo especial!



Mas havia mais um cheiro no ar que se sobrepunha a qualquer outro. E sempre era assim. O cheiro do bolinho de banana da minha vó. Pensa num bolinho feio. Mas na mesma proporção que ele é feio, é gostoso.

Quando falo bolinho, vocês podem imaginar primeiro um formato e uma textura de bolinho de chuva, por exemplo, mas não é nada disso! Quando vovó criou essa receita da cabeça dela, a intenção era outra. Vovó sempre odiou desperdício! Então, esses bolinhos de banana nasceram da intenção de não jogar fora bananas que já estavam maduras demais, pretejando mesmo. Como a questão era não desperdiçar, todos os outros ingredientes que entram, entram bem pouquinho, pois a intenção também não era gastar ainda mais com aquela receita. Era apenas aproveitar as bananas que iriam para o lixo muito em breve.

Sendo assim, a base da receita é a própria banana, que deixa o bolinho bastante melequento. E feio! Na mesma proporção em que é gostoso, como já mencionei. Quando vovó fazia os bolinhos, ela precisava dividir igualmente entre as netas, para não dar briga. Lá vinha ela com os três potinhos, exatamente com as mesmas quantidades: “Esse aqui é da Valéria, esse da Vanessa e esse é seu, Vivi. Não vá pegar do pote de suas irmãs escondido, hein?!”. Ela avisava isso pois sabia que eu sempre tive o olho maior que a barriga...



Quando nosso lanche da escola era o tal bolinho de banana, a gente quase pulava de alegria! Não só porque ia comer o bolinho no recreio... É que a

aparência dele, digamos, não chamava tanto a atenção das outras crianças. A gente oferecia... “Alguém quer um?”. E a resposta sempre era um “não, obrigado”, acompanhado de um olhar estranho que estampava na testa da pessoa a frase “não acredito que você será capaz de comer isso daí”. Eu comia tudo sozinha, sem problema algum!

Quando vovó encantou, mamãe ficou anos tentando acertar a receita, pois vovó a fazia de cabeça. Hoje o bolinho dela é exatamente igual ao da vovó! E, adivinhem? Também faz de cabeça...

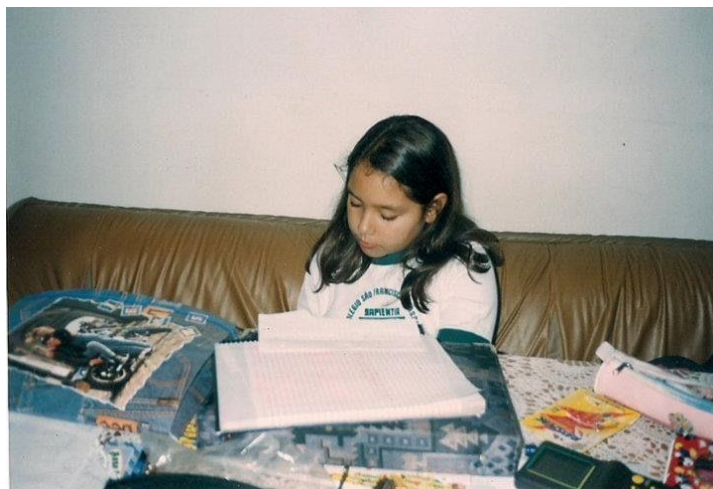


Voltando àquele domingo preguiçoso, naquele dia teríamos, então, dois pratos típicos da família. Acordei ao meio-dia sentindo todos aqueles aromas no ar. Não tive dúvidas. Almocei direto. Pulei o café da manhã.

Após o almoço, mamãe pediu para eu fazer a lição de casa, que era para o dia seguinte. Abri meu caderno de matemática e lá estavam eles! Os problemas!

“João tinha que pintar 12 janelas. Ele já havia pintado 7 janelas. Quantas janelas faltam o João pintar?”. “Maria tinha 12 maçãs. Comprou mais três maçãs.

Com quantas maçãs Maria ficou?”. “Vivi ganhou 9 bolinhos de banana. E comeu nove bolinhos de banana. Quantos bolinhos restaram para Vivi?”.



Quanto mais eu lia aqueles problemas mais nervosa eu ficava. Resolvi pular a lição de matemática e deixá-la para o final. Fiz a lição de ciências, a de português, a de redação... Fui jantar. Fiz a lição de ensino religioso. E chegou o momento em que tive que voltar para os problemas de matemática...

Eu estava nervosa, com raiva e cheia de manchinhas vermelhas (outro traço de família quando os nervos estão à flor da pele)! Mamãe percebeu e veio até mim... “Filha, o que aconteceu? Por que você está nervosa? Está toda vermelhuda...”

“Mamãe, eu não entendo... Por que os professores, que são adultos, ficam dando problema para a gente que é criança resolver? Eu não conheço esse tal João, não fui nem apresentada! Por que é que eu tenho que ficar resolvendo os problemas do João? Além do mais, problema não é coisa de criança! Se chama problema, é o adulto que tem que resolver!”

Sim. Eu, com a inocência dos meus onze anos, achava que aquelas situações problema eram reais. E que minha professora estava me pedindo para resolver. Foi então que a mamãe me explicou tudo, que eram simulações para eu treinar as contas matemáticas. Ufa, que dia!

A essa altura já era noite. Mamãe pediu para eu começar a me arrumar para dormir. Foi então que eu me lembrei de uma coisa importantíssima:

“Mamãe, hoje eu pulei o café da manhã. E isso não é justo! Eu tenho direito às minhas três refeições do dia. Quero tomar meu café da manhã agora!”.

Entre muitas risadas, mamãe foi comigo até a cozinha. Preparou meu chocolate quente, quase preto de tanto nescau que eu colocava, passou manteiga num pão francês já murcho e me deu. Tomei, bem feliz, meu café da manhã perto das dez da noite. E fui dormir.

Sonhei com um lanche comunitário na escola.



CAPÍTULO 3 – CPF (Caráter Por se Formar)

Caras irmãs,

Que alegria dividir a infância (e a vida) com vocês! Irmã é uma espécie de presente enviado por Deus em forma de melhor amiga geneticamente carimbada, é alguém que irá te apoiar por toda vida, apesar de tudo. E Deus me deu vocês duas de presente. Sou imensamente grata por isso.

Vocês foram muito generosas comigo. Eu cheguei depois que o clubinho já estava formado. E me senti completamente inserida. Vocês duas sempre foram mais próximas, é verdade. Talvez por uma questão de idade. Mamãe até criou as duplas, “Marica e Maricota” e “Xilindra e Xilindrina”, para ninguém se sentir excluída. Na maioria das vezes vocês eram “Marica e Maricota” e eu e mamãe “Xilindra e Xilindrina”. Mas, vez ou outra, trocávamos as duplas. Principalmente se a questão era agressão física. Aí, eu e Valéria, mais fortes, nos juntávamos contra a Vanessa, que teve que aprender (ensinada por mamãe) a dar beliscões e puxar cabelo para se defender. E como isso doía, meu Deus! Eu me lembro com clareza da dor! Acho que você desenvolveu alguma técnica especial, Van.

Vocês se lembram da bagunça que fazíamos naquele sobradão? Como a vovó e a tia Lourdes aguentavam? E a gente ainda chamava mil amigas para brincar, quase que todo dia. Lembro-me com detalhes da nossa casa da Barbie, que tinha até elevador. Do forminho à luz elétrica, onde Valéria cozinhou suas primeiras delícias. Das infinitas tentativas de fazer sorvete na “Sorveteria da Eliana”, sempre frustradas, pois aquilo não funcionava de jeito nenhum!

Enfrentamos juntas a nossa primeira perda, ainda bem novinhas... A tia Lourdes, que cuidava de nós diariamente. Uma perda tão repentina... Eu estava dormindo. Mamãe entrou no meu quarto, me acordou e disse “Filha, nós estamos tristes hoje... Muito tristes...”. Ela se foi dormindo, tranquila, como merecia encantar. Acho que até hoje deve ouvir os barulhos de nossas brincadeiras, canção de ninar.

Nós fomos passando juntas pelo tempo... E como vocês me ensinaram! Van, como você é inteligente! Sempre foi! Olha... Não foi fácil passar pelo período escolar estudando com você na mesma escola, sendo sua irmã. A comparação dos professores era inevitável! Você colocou a régua numa altura muito difícil de alcançar! Jamais vou me esquecer do simulado do ensino médio em que os garotos da sua sala conseguiram roubar o gabarito numa aula de informática e, mesmo assim, eles erraram uma questão, quando você, sem gabarito algum, acertou tudo e ficou em primeiro lugar! Você era um exemplo nos estudos. Incansável! E dividia o conhecimento com quem precisasse! Era uma espécie de mini professora entre nós. Admirável, sempre! E todos os meninos eram apaixonados por você! Eu poderia fazer uma lista com os nomes que eu me lembro...

Falando em paixão, você, Vá, como irmã mais velha, foi a primeira a namorar. Eu, que cresci vendo os romancezinhos na primeira versão de Chiquititas, interessava-me bastante pelo assunto. Seu primeiro namoro (que a gente ficou sabendo) foi aos catorze anos. Você nem sonha o quanto isso me influenciou em relação aos amores. Eu não sabia dessa história de “ficar”. Então, para mim, eu só namoraria quando fizesse catorze anos, como minha irmã mais velha. Você não imagina na quantidade de bilhetinhos “Quer namorar comigo? Quadrado sim X Quadrado não” que foram respondidos secamente assim: “Só vou namorar quando fizer catorze anos”. Menti para todo mundo. Dei meu primeiro beijo aos doze. Mas não conta para a mamãe!

A verdade é que muito do que sou, também devo a vocês. Vocês são uma imensa parte de mim! Tão imensa quanto nossa pilha de brinquedos... Aliás, mamãe não media esforços para nos ensinar a guardá-los. Vocês se lembram do saco azul?

SACO AZUL

“Vivi, o que você quer ganhar de aniversário?”. Essa era a pergunta que mamãe me fazia desde que eu comecei a falar. E a resposta era sempre a mesma: “Um cachorro!”. Eu sempre tive uma ligação muito forte com os animais, especialmente com os cachorros. Eu levava vários cachorros da rua para a porta

de casa. Mamãe ficava maluca. Eu entrava escondido, pegava água, comida, às vezes até cobertinha, e colocava tudo do lado de fora do portão. E óbvio, eles nunca mais saíam de lá. Até mamãe retirar todo o conforto que eu havia proporcionado a eles.

Eu sempre tive o sonho de ter um cachorro. Mas mamãe dizia: “Só quando você fizer dez anos”. Quando fiz dez anos ela me deu um cachorro. Um Husky Siberiano lindo... De pelúcia! Sim, aquele da Maritel. Apenas um ano depois que ela aceitou o Billy, que estava mais para ser humano do que para cachorro. Mas a sensação foi de sonho realizado!

Sou uma daquelas pessoas bem sortudas que têm ótimas lembranças da infância. Nesse período, papai e mamãe trabalhavam no Banco do Brasil, concursados, um emprego de bastante prestígio para a época. O tempo da dificuldade financeira, em que vivemos quase como nômades, veio depois. Mas essa é uma outra história... Aqui interessa saber que em nossa fase da infância, minha e das minhas irmãs, nossa família não teve problemas financeiros. Então, mamãe podia inventar... Por exemplo, toda sexta-feira, quando ela nos buscava no colégio, íamos direto para o McDonald's. Outra coisa que era uma tradição mensal era o dia 20, dia do brinquedo. Todo dia 20, mamãe recebia seu salário. Então, ela nos levava na “Casa Judite”, uma loja de brinquedos enorme que tinha em nosso bairro. Meus olhos de criança enxergavam um verdadeiro paraíso! Todo dia 20 a gente podia escolher o brinquedo que quisesse para comprar. Imagina a farra!

Mas isso também tornou a nossa casa um lugar abarrotado de brinquedos! Apesar de mamãe nos ensinar que, quando ganhávamos um novo brinquedo, tínhamos que doar um antigo para outra criança, ainda assim, a casa era atafalhada de brinquedos.

Imaginem só. Estudávamos, as três, na mesma escola. Nossa casa era o “point da galera”. Já éramos três. E ainda levávamos mais amigas para brincar em nossa casa todas as tardes. Mamãe saía do banco às dezesseis horas. Até lá, quem ficava conosco era a Vovó, que morava com a gente, e a tia Lourdes,

a moça que ajudava minha mãe com a limpeza da casa, mas que acabava cuidando da gente também. Nós deixávamos as duas bem maluquinhas.

Vocês conseguem imaginar como aquela casa ficava ao fim da tarde? Sim... Uma imensa bagunça. Mamãe, que muito antes de virar moda já tentava a educação positiva (do jeito dela, é claro), começou a elaborar estratégias criativas para que a gente aprendesse a arrumar a casa.

A primeira tentativa foi “A Campanha Tudo no Lugar”. Era uma competição, tinha até placar escrito na lousa que usávamos para brincar de escolinha! Mamãe iria nos analisar por uma semana. Nosso objetivo era manter a casa organizada. Pegou o brinquedo, usou, guardou! Esse era o lema. Quem ficasse em primeiro lugar, ganharia, adivinhem só, um brinquedo! Lembro-me de todos os meus terceiros lugares. Nunca ganhei. Mas sempre recebi minha medalha de terceiro lugar muito orgulhosa, com minha barriguinha empinada e os bracinhos colocados para trás, bem séria, solene, até.

A Campanha Tudo no Lugar fazia efeito por algumas semanas. Mas, em pouco tempo, a bagunça voltava a reinar. Mamãe, tendo essa constatação, resolveu criar outras estratégias para nos educar. E foi então que ele surgiu... O temido Saco Azul!

Tratava-se de um daqueles sacos de lixo azul enormes, lembram? O saco azul tinha regras muito rígidas. Em qualquer dia, a qualquer hora, ele podia aparecer. Imaginem a cena: nós três, brincando, bem tranquilas, quando ouvíamos, ao longe, mamãe cantando: “Qual cisne branco que em noite de lua, vai navegando num mar azul”. Sim, a canção do marinheiro, o hino da marinha. E ela ainda cantava do jeito dela. Quando ouvíamos a música, imediatamente gritávamos: “O SACO AZUL!!!”. E saímos correndo pegando tudo o que víamos pela frente, enquanto mamãe cantava e recolhia tudo aquilo que não cabia em nossos bracinhos. A regra era bem clara: Tudo que mamãe apanhasse, porque estava largado pela casa, era colocado no saco azul e seria devolvido somente depois de um mês! Sem negociações!

A gente podia chorar, berrar, espernear, tentar negociar... A resposta era sempre não! Mamãe estava ali, para dar colo, acolher o sofrimento, mas não

voltava atrás de jeito nenhum, nunca devolveu antes de um mês algo que tenha ido para o saco azul. Um momento marcante foi quando a “Feijãozinho”, boneca favorita da Vanessa, foi parar no saco azul. Minha irmã chorou tanto, um choro sofrido de verdade. Mas teve que esperar o prazo. As regras eram claras. Sinto, até hoje, um alívio imenso por ter conseguido livrar meu Husky de pelúcia todas as vezes.

A situação mais engraçada envolvendo o saco azul, foi quando a calça do uniforme da escola da Valéria foi pega. Ela tinha apenas duas calças da escola e teve que passar um mês se virando com uma única calça, que só podia ser lavada no final de semana. Não teve negociação. Nem a calça do uniforme foi devolvida antes do prazo.

Pode parecer um pouco cruel. Mas eu esboço mil sorrisos ao recontar essa história. As lembranças são ótimas! Foi um jeito “lúdico” que mamãe inventou para aprendermos a cuidar da nossa casa e das nossas coisas. Um jeito infalível e inesquecível!

Mas nem só com brinquedos a gente se divertia. Não, de jeito nenhum. Aliás, as melhores brincadeiras foram sem eles. Como o dia da mágica! Nós encasquetamos, um belo dia, que, quando mamãe chegasse, íamos apresentar uma mágica para ela. A mágica consistia em fazer a Vanessa desaparecer!

Nós não tínhamos técnicas, nem instruções. Tínhamos apenas a nossa criatividade, que funcionou muitíssimo bem! Na sala de jantar da nossa casa, tínhamos uma mesa de madeira enorme. Era uma mesa de seis lugares, estendíveis para oito. O primeiro passo foi cobrir a mesa de jantar com muitos cobertores. A mágica aconteceria na frente dela.

Na frente da mesa posicionamos uma das cadeiras de madeira. É importante dizer que essa cadeira tinha um vão razoável no encosto. Um vão que somente a Vanessa, por ser bem magrinha, passaria. Nesse momento decidimos a função das três: Vanessa desapareceria. Valéria faria a mágica. E eu seria a distração, fazendo uma espécie de dança do ventre enquanto tudo que mamãe não podia ver, acontecia.

Pegamos também um disco de vinil com a capa bem grande e quadrada e mais um cobertor, bem escuro. A Vanessa estaria sentada na cadeira, mamãe a veria assim. Valéria pegaria o vinil coberto pelo pano escuro e cobriria a Vanessa, segurando apenas pelo vinil. Vivi começaria a dançar, distraindo mamãe. Vanessa, com muito cuidado, passaria pelo vão da cadeira, entraria debaixo da mesa, que também estava coberta, e fugiria pelo corredor, desaparecendo dali. Ensaíamos o dia inteiro, inteirinho mesmo! A mágica ficou perfeita!

Quando mamãe chegou, apresentamos para ela! Ela ficou encantada quando a Valéria tirou o vinil com o cobertor e a Vanessa realmente não estava ali. Porém, mamãe imaginava que ela estaria escondida debaixo da mesa, a suspeita mais óbvia. Assim que mamãe levantou o cobertor da mesa e viu que a Vanessa também não estava ali, começou a entrar em desespero! Ela dizia: “Cadê minha filha! Eu quero minha filha de volta!”. Tudo isso com os olhos querendo marejar. Eu e a Valéria, em meio a gargalhadas da cara da mamãe, a acalmamos e fizemos a mágica ao contrário, para a Vanessa retornar. Ufa!

Outra das brincadeiras sem brinquedo, que chamava muito a atenção de todas as nossas amigas, era o “Robozão”, um personagem inventado pela minha mãe para brincar com a gente. Mamãe enrijecia todo o corpo, fechava os punhos com os braços abertos e um pouco curvados para baixo, andava bem devagar com passos largos, sem dobrar o joelho, e enchia a boca de ar. Esse era o Robozão. Ele não falava nada. Quando estávamos distraídas em nossas brincadeiras, sem nenhum aviso, surgia o Robozão. E ele nos perseguia desse jeito, andando firme e devagar. A gente largava tudo o que estava fazendo, começava a gritar desesperadamente e fugia, sem parar! Essa era a brincadeira.

A gritaria era tanta que até os vizinhos, nossos amigos, quando ouviam os gritos, diziam para suas mães: “O Robozão!”. E vinham correndo para nossa casa, para brincar de fugir também. Em minha lembrança, isso durava um tempão. Chegamos a ficar sem voz, algumas vezes.

Teve também o “amigo secreto de mentira”, que aconteceu no meio de uma das férias de julho, tudo ideia da mamãe. O Fabinho, nosso primo, estava

passando uma semana em casa. Mamãe acordou e disse: “Vamos fazer um amigo secreto diferente?”. Nos entreolhamos e concordamos na hora. Valéria, que já estava toda adolescente, fez cara de “que besteira”, mas acabou aceitando também.

As regras eram assim: nós sortearíamos os nomes. Pegaríamos em casa algo que achássemos que a pessoa gostaria de ganhar. Embrulharíamos a tal coisa como se fosse um presente. Trocaríamos os presentes e, depois, devolveríamos tudo para os lugares onde encontramos. A Valéria achou tudo aquilo uma grande bobagem. Fizemos o sorteio e a brincadeira começou. A primeira coisa estranha que aconteceu é que, quando eu e Fabinho resolvemos sair para comprar um geladinho, não encontramos o tênis dele, de jeito nenhum. Ele teve que ir descalço. Ainda bem que era perto.

Quando chegou o momento da troca dos presentes, tivemos situações divertidíssimas! Eu dei para Vanessa um sapato meu que ela detestava porque dizia que tinha chulé. E tinha mesmo. Passei um talco antes de embrulhar, mas nem assim adiantou. Ao abrir, ela tacou o presente longe. Vanessa deu para mamãe um porta-joias, que era dele mesma, em formato de sofá. Mamãe queria muito um sofá novo na época, porque o Billy tinha cavado um túnel no nosso. Foi assim que a Vanessa “realizou” o desejo de mamãe. Fabinho ganhou de volta seu tênis, em meio a muitas tranqueiras. E Valéria, adivinhem só, não contou para ninguém que havia tirado a si mesma no sorteio. Foi até a lojinha da esquina e comprou para si um porta-retrato, pois achou tudo aquilo uma grande palhaçada. Capricorniana desde sempre.

Crescer em meio a todas essas situações e brincadeiras, foi maravilhoso. Olho para trás e sempre abro um sorriso em meu rosto. Quisera eu que toda infância, de toda gente, fosse assim...

CAPÍTULO 4 – TÍTULO DE ELEITOR (Escolher)

Querida Vóinha,

A única vó que tive e conheci, mãe de mamãe. Vó Francisca. Chiquinha (você odiava quando eu te chamava assim). Você tem noção da importância que teve (tem) para mim? Não fosse a senhora, esse sentimento de ter vó, que todo mundo fala o tanto que é especial, eu não teria tido. E só por isso, muito obrigada. Mas são tantas lembranças para além desse fato, minha vó...

Era tão bom me encaixar atrás de você e usar seu bumbum de travesseiro para assistir à novela das oito... Você se lembra? Se eu entrasse em casa e sentisse cheiro de abobrinha, era certo que você estava por lá. Esse cheiro me lembra você, vó. E aquela verruga gordinha que você tinha em uma das mãos, que eu adorava ficar mexendo, você lembra? Aquilo não te incomodava, não? Você nunca me pediu para parar...

Até hoje adoro usar o termo que a senhora inventou para dar bronca: “Vou lhe dar um especial, hein?!”. Quando falo isso para os alunos, por exemplo, eles logo entendem o que quero dizer, pela entonação que coloco, a mesma que a sua. E nessa hora a senhora surge feito filme na minha cabeça. Um filme tão lindo de ver...

Essas lembranças que ficaram presas em algum lugar do tempo, que eu faço presente (embrulhado num lindo laço de fita), por vezes, ao resgatá-las, essas acho que você as tem, esteja onde estiver. Mas tem uma lembrança relacionada a senhora que, para mim, é das mais marcantes e importantes. E creio que a senhora não tenha essa dimensão. Então, vou te lembrar...

O QUE VOCÊ VAI SER QUANDO CRESCER?

Sempre fui uma criança muito arteira. Arteira e artista, desde sempre. Toda oportunidade que mamãe tinha de me colocar numa oficina de arte, fosse a arte que fosse, ela colocava. Fiz jazz, ballet, até oficina de brinquedo com sucata eu me lembro de ter feito. Perto de casa havia a Oficina Cultural Raul Seixas. Eu adorava ficar horas e horas por lá.

E na escola, então? Eu participava de tudo que eu podia, incluindo os esportes. Jogava basquete, apesar da pouca altura. Era do time de handball e papai, por ter uma Towner, sim, aquele carro que, futuramente viria a ser carro de vender cachorro-quente, ele era o motorista do time. Ia gente até no portamalas. Na escola participei também do coral, não que tivesse tanto talento para isso, mas me esforçava. Escola católica. Vivíamos cantando e fazendo encenações nas missas, meu primeiro contato com teatro. Já fui anjo, Maria, Maria Madalena e, se bobear, até uma pontinha de Pôncio Pilatos devo ter feito.

O que havia em comum em todas essas atividades é que, mais dia, menos dia, mamãe era chamada de canto pela professora responsável, que dizia: “A Vivi é artista! Se você puder e quiser incentivar, já sabe... A arte é a praia dela!”. Mamãe diz que perdeu as contas de quantas vezes ouviu algo desse tipo.

Um belo dia, na quinta série, eu estava perto de fazer onze anos, entra na sala uma professora, chamada Rosi (Rosilene Sanitá Silva, nunca vou esquecer desse nome), para fazer um convite. Ela informou que abriria um curso de teatro extracurricular no período da tarde. Faríamos aula uma vez por semana e o curso custaria oitenta reais mensais. Os interessados deveriam pedir aos pais para fazer a matrícula na secretaria. Eu quase enlouqueci! Eu sinto, como se fosse hoje, a vontade que eu tive de fazer aquele curso.

A professora Rosi era, na verdade, a professora de informática da escola, mas já havia tido alguma experiência com teatro. Então ela, junto com a professora Renata, professora de história, resolveram propor essa atividade no contraturno escolar.

Naquela época, mamãe e papai já passavam por uma grande crise financeira. Eles resolveram, um tempo antes, reformar o sobrado, pois nós estávamos crescendo e gostaríamos que cada filha tivesse o seu quarto. Até então, nós três dividíamos o mesmo quarto. Foi uma reforma imensa. Sem fim. E a partir daí as coisas começaram a se enrolar financeiramente.

A reforma acabou, os anos foram passando e a situação não melhorou, o que fez papai e mamãe tomarem a decisão de vender a casa para irmos para um lugar menor. Com esse dinheiro, comprariam um apartamento para a gente

morar e, com o restante, pagariam as dívidas. Esse era o começo de toda dificuldade que estava por vir. E a gente nem sabia.

Por conta de toda essa situação, quando cheguei em casa falando do curso de teatro, minha mãe, com dor no coração, disse que não teria condições de pagar. Para a época, oitenta reais mensais era bastante coisa. E a situação estava bem feia. Eu fiquei triste, mas compreendi.

Acontece que vovó escutou toda aquela conversa. No dia seguinte ela me chamou, com o dinheiro enroladinho na mão, e disse: “Eu pago o curso de teatro para você!”. Ela nem sonhava com a importância que aquele gesto teria para a minha vida toda. Sim, foi vovó que pagou meu primeiro curso de teatro. As aulas aconteciam às quartas-feiras. Era o dia mais feliz da semana para mim. Eu havia encontrado meu lugar. Não tinha nem onze anos e já sabia disso.

Fiz teatro durante todo o período escolar. Onde eu podia, em qualquer matéria, em qualquer trabalho, eu enfiava teatro. Perdi as contas das mil versões diferentes de Chapeuzinho Vermelho que protagonizei naquela escola. Certa vez, quando estávamos encenando “O Fantástico Mistério de Feiurinha”, no mesmo dia, era aniversário da filha da Professora Rosi. E adivinhem o tema da festa? Princesas! Nós não tivemos dúvidas. Após a apresentação, fomos todos fantasiados de metrô para a casa da professora, animar a festa da filha dela. Nesse dia, dormimos por lá. Aquilo era uma aventura sem tamanho para mim. Eu já estava compreendendo o que era esse tal mundo do teatro.

O tempo passou e essa paixão só cresceu. O palco era como meu habitat natural, aprendido nas aulas de ciências. Quando me perguntavam qual profissão eu seguiria, nem respirava e respondia na lata: Vou ser atriz, vou trabalhar com teatro. E eu não queria televisão coisa nenhuma, nunca quis. Meu negócio mesmo era comer a poeira do tablado.

Porém, conforme a gente vai crescendo, vai entendendo como o mundo funciona, e tenta, por vezes, forçar a nossa cabeça (e nosso coração) a querer outra coisa que, na verdade nem se sonhava. Eu comecei a entender que precisamos de muito além do que sonhos, para viver nesse mundo. Entendi que sonho não enche barriga, nem paga aluguel, e comecei a questionar minha

escolha pelo caminho das artes, por medo mesmo. E se eu errasse nessa escolha do que eu deveria ser para o resto da minha vida? Naquela época era assim mesmo. Tínhamos uma pressão enorme para acertar de primeira. Mas o resto da nossa vida é tempo demais... Por isso dava tanto medo de escolher. Parecia que era algo imutável.

Foi então que lembrei de um antigo sonho, lembrei do Billy. Pois é... Dos quinze até quase os dezessete anos eu me convenci de que deveria cursar medicina veterinária. Nunca vou esquecer da cara da professora Renata quando contei para ela que tinha mudado de ideia. “Tem certeza, Vivi?”. As pessoas acreditavam em mim mais do eu mesma.

A verdade é que eu não tinha certeza de coisa alguma. Eu amava teatro. E gostava muito dos animais. Mas quando eu descobri que gostar de bicho não significava que você teria coragem para cortar a barriga deles, eu entrei em parafuso! Não sabia o que fazer... E, como sempre, em todas as situações em que me senti perdida, fui falar com a minha mãe, minha melhor amiga, que me disse algo que nunca esqueci:

“Filha, quando a gente ama o que faz, inevitavelmente, faz bem. E para esse tipo de gente não falta trabalho. Alguém trabalha com teatro nesse mundo, não é, filha? Por que é que não pode ser você? Toda área é difícil hoje em dia. E tem mais... A gente passa a maior parte da nossa vida trabalhando. Se você escolher uma coisa que não gosta, vai passar a maior parte da vida infeliz? Não pode! Segue o seu coração, filha...”.

Minha mãe é ainda mais romântica e sonhadora do que eu. Então, apesar de ter amado ouvir aquelas palavras e estar super incentivada a seguir em frente, eu precisava de um plano mais certo, mais racional, para poder ouvir o meu coração. Comecei a pensar na possibilidade de dar aulas. Pensei: “Eu faço o bacharelado em Artes Cênicas, mas faço também a licenciatura plena em Artes. Aí, se tudo der errado, eu presto um concurso público e vou dar aulas de Artes na Prefeitura. É isso, esse é o plano”. E assim foi.

Nunca prestei concurso. Mas sempre fui professora. Cada vez menos de Artes e cada vez mais de Teatro, a minha verdadeira praia. Montamos nossa Cia

ainda na faculdade, Cia República Ativa de Teatro, que já tem dezessete aninhos. Hoje fazemos teatro político para a infância e juventude, com muito orgulho. Deu tudo certo, mãe. E você já sabia.

CAPÍTULO 5 – CNH (Capítulo da Nobre Homenagem)

Querido Vovô,

Meu vô Wilson, pai de mamãe, aquele que eu conheço profundamente sem nunca estarmos presentes no mesmo lugar do tempo (ao menos não neste carnaval). Eu sinto um amor tão imenso pelo senhor, sem nunca precisar ter te tocado, te ouvido, te abraçado... E como eu queria todas essas coisas, viu?! Mas saiba que sinto sua presença, através de mamãe. Se ela é o meu grande amor, o senhor é o grande amor dela (e sei que ela era o seu).

Recentemente fiquei sabendo que o senhor organizava pecinhas de teatro para a vizinhança, apresentadas por mamãe, meu padrinho – seu filho Wilton, e tio Wagner. Eu sabia que em algum lugar da minha ancestralidade encontraria esse amor pelo teatro, que herdei. Achei. Mas uma coisa linda que veio do senhor.

Eu queria tanto poder me sentar ao seu lado um dia para conversarmos. Sabia que, certa vez, tomamos uma cerveja? Foi um dos exercícios que fiz para te encontrar. Mas você sabe... Você estava lá, de alguma forma.

Queria conversar com o senhor sobre mamãe. Que joia rara que você e vovó fabricaram, hein?! Não tenho dúvidas, pelo resultado, de que esse amor entre vocês era imenso!

Mamãe é uma colecionadora de boas histórias! Imagina aquelas que você me contaria? Aquelas que nem ela se lembra e que você deve saber de trás para frente. Eu queria me sentar com o senhor e ouvir essas histórias...

Enquanto isso, vamos lembrar daquelas que sabemos?

UM SER A SER ESTUDADO

Eu sei que parece clichê, mas eu tenho a melhor mãe do mundo! E quem vai dizer o contrário? A minha é, a sua, a do seu vizinho, a do Zézinho da esquina... Esse título – mãe - já vem com esse certificado.

Mas a minha (lá vem) é realmente um ser diferenciado. E não sou somente eu que digo isso. Qualquer um que conheça a Suelizinha se apaixona e pensa: “Ela não existe!”. Existe sim e eu tenho a sorte de chamá-la de mãe.

Para além do jeitinho dela, extremamente cativante e engraçado, ela é um ser importante para esse mundo, daquelas pessoas que fizeram e fazem a diferença com o próprio trabalho, cuja passagem por aqui não passará despercebida. A criadora da AEL, Academia Estudantil de Letras, seu sonho realizado. Já pensou trabalhar com algo que você inventou? Pois esse projeto mudou a vida de muitas crianças e jovens das escolas municipais de São Paulo, ultrapassando fronteiras e alcançando o mundo. Basta dar um google para entender. Mas isso é o que todo mundo já sabe. O que venho contar aqui são histórias dela, muitas impensáveis, que poucos conhecem. E que tem a ver com o seu jeito de ser, a Sueli, de verdade. Esse capítulo poderia ser imenso... Mas escolhi três histórias que a minha memória não esquece. Sei que quando ela mesma conta, é muito melhor. Ela é a maior contadora de histórias que eu já conheci! Mas vou pedir licença para registrar, com o meu olhar, aquilo que cresci escutando e admirando (e descreditando, muitas vezes).

ALECRIM PODRE

Sueli, desde menina, foi extremamente estudiosa. Sempre lendo e criando histórias, curiosa até com aquilo que não a interessava tanto. Era fato que, no futuro, seria professora. Tornou-se professora de língua portuguesa e literatura. Mas, no período em que deu aulas particulares, quando, no dia seguinte, os estudantes fariam prova de outras matérias, ela se dispunha a explicar até aquilo que não se tratava do foco de sua formação. Quase todos os alunos da minha sala fizeram aulas particulares com a minha mãe. Eu, que não era boba nem nada, em dias que antecediam alguma avaliação, participava da aula de algum colega. Dito isso, já dá para imaginar o quanto frequentar a escola foi um prazer imenso para a pequena Sueli.

Quando tinha catorze anos e cursava a terceira série do ginásio, Sueli, por ser uma excelente aluna, foi uma das escolhidas para participar de um evento que homenagearia o Rei da Bélgica. As meninas dançariam de blusa e saia branca, com uma bola vermelha em mãos. Essas bolas, no final da coreografia, formariam uma tocha olímpica. Parece que era um evento relacionado aos esportes. Esses alunos selecionados teriam que ensaiar primeiro em suas escolas, para apenas juntarem-se aos demais no dia do evento no Pacaembu. Com esses ensaios, Sueli perderia algumas aulas. Mas como faltar, digamos, em matérias mais formais? Isso não era possível. Então, as aulas sacrificadas foram as aulas de Higiene, ministradas pela professora Lydia.

Sim, antigamente muitas escolas incluíam aulas como parte do currículo. O objetivo era ensinar os alunos a adotarem hábitos saudáveis e a prevenirem doenças. Imagino que essas aulas abordavam tópicos como lavagem das mãos, cuidados com o corpo, limpeza pessoal, saneamento básico e outros hábitos saudáveis.

Pois bem... Por conta dos ensaios, Sueli faltou por mais de uma semana a essas aulas. No dia em que retornou, ficou sabendo que haveria uma prova. Desesperada, foi falar com sua amiga Terezinha:

- Eu sabia que hoje teria prova de inglês, mas de higiene? Por que ninguém me avisou?

- Pois é... Mas higiene será tranquilo. A matéria é fácil. Já inglês...

Foi então que Sueli tomou uma decisão, talvez a mais rebelde de sua vida toda. Ela teria que colar...

- Terezinha, eu te passo cola na prova de inglês e você me passa cola na prova de higiene. Combinado?

- Combinado!

E lá foram as duas para a prova de higiene. Terezinha tinha uma letra muito bonita, quase que desenhada. Era linda, mas não era uma boa letra para ser vista de longe. Ainda mais porque ela se sentava na primeira carteira e Sueli estava apenas na terceira. Quando perceberam que seria impossível de enxergar, tentaram cochichar para passar as respostas. Claro que tudo daria errado!

Sueli até que estava achando a prova razoável. Algumas questões, por lógica e raciocínio, ela até que estava conseguindo responder. Mas havia a questão quatro: Como é denominado o estado dos alimentos que sofreram alterações físicas, químicas ou microbiológicas que os tornam impróprios para o consumo?

Ela não fazia a mínima ideia de como responder a essa pergunta. Chamou Terezinha discretamente e começou o diálogo cochichado:

- Qual é a resposta da quatro?

- O quê?

- A resposta da quatro.

A amiga entendeu. E fez o número dois com a mão, daquele jeito que fazemos quando jogamos "Imagem e Ação", quando o que a pessoa terá que adivinhar é composto por duas palavras, sabem?

- A dois eu sei. Preciso da resposta da quatro.

- Eu entendi. São duas palavras.

E fez o número um com a mão, como quem avisa “Vamos começar pela primeira”. Sueli fez que sim, como quem entende o recado. Estava tudo dando certo.

- Alimentos...

- Quê?

- Alimentos...

- Quê?

- Alimentos!

- Ah tá.

Sueli escreveu em sua prova a palavra “Alecrim”, como quem tinha entendido perfeitamente a cola da amiga. Durante a semana em que ficou ausente das aulas, Sueli havia assistido ao Programa do Jô Soares e, por uma feliz (ou infeliz) coincidência, a pessoa entrevistada estava falando sobre plantas e ervas que eram boas para combater a diarreia, ou doenças do estômago ou intestino. Naquele momento ela pensou que a professora pudesse ter comentado sobre essas ervas com a sala em alguma aula. Escreveu sem duvidar: Alecrim. E olhou para sua amiga novamente, com cara de ponto de interrogação, ao que a amiga respondeu fazendo o número dois com a mão, como quem vai começar a falar a segunda palavra.

- Deteriorados...

- Quê?

- Deteriorados...

- Quê?

- Deteriorados!

- Quê?

Sem paciência e com medo de ser pega, Terezinha disse:

- Podre!

- Ah tá.

Terezinha jurava que a amiga entenderia que ela tinha dito um sinônimo. Mas Sueli, prontamente, completou a resposta com a palavra “Podre”.

Quando entregaram a prova, foram conversar imediatamente. Ainda havia tempo de aula de higiene e a professora resolveu começar, em aula mesmo, a corrigir as avaliações.

- Você entendeu que a resposta era “alimentos deteriorados” né?

- Quê Eu escrevi “alecrim podre”!

E começou o desespero. Sueli tinha certeza de que a professora iria perceber a cola.

- Eu vou pagar o maior mico diante da sala toda. Todo mundo vai falar “Nossa, a Sueli, colando???”. Eu não queria passar por isso.

Mal terminou a frase e ouviu a voz da professora Lydia:

- Sueli, pode vir até minha mesa, por favor? Ela se levantou de sua carteira, suando frio, nervosa, e foi ao encontro da professora. Assim que se aproximou, já enxergou um círculo enorme feito em caneta vermelha em torno do “alecrim podre” com um imenso ponto de interrogação. Estava com uma cara horrível de censura:

- O que significa isso???

Imediatamente Sueli começou a chorar. Não havia mais o que fazer. Ela revelou tudo para a professora. Contou que tinha colado, lembrou sobre as faltas, disse não saber sobre a prova e se desculpou. Foi um momento de muita vergonha diante da turma. A professora não revelou na hora o que faria a respeito.

Depois, com a prova devolvida, Sueli viu que não levou um zero. Teve a questão anulada. Talvez por consideração a seu histórico. Acabou indo mal, mesmo assim, e teve que recuperar na prova seguinte.

Essa foi a primeira e última cola de Sueli. Nesse dia ela jurou que nunca mais colaria na vida. E cumpriu.

O BOLO DA LOTAÇÃO

Quando trabalhava na Diretoria Regional de Educação da Penha, Sueli pegava uma lotação que a deixava muito perto de seu local de trabalho.

Era uma sexta-feira. O setor em que trabalhava havia combinado de fazer uma espécie de lanche comunitário como café da manhã. Sueli fazia um famoso bolo de fubá, com casquinha de canela em volta, bom de comer quentinho. Todos sempre pediam aquele bolo. Ela não tinha dúvidas que o faria para o tal café.

Acordou mais cedo para preparar o bolo, já que ele é bom servido bem quentinho. Enquanto o bolo assava, ela foi se arrumar para trabalhar. Assim que saiu do banho, o timer do fogão apitou. O bolo foi desenformado. Estava perfeito. Ela achou melhor cortá-lo e colocar uma vasilha, para facilitar para todos que iriam saboreá-lo. Assim o fez.

Foi para o ponto de ônibus e pegou a lotação. É preciso dizer que o cheiro desse bolo é algo de outro mundo, impossível de ser expresso por palavras, pela literatura. É algo que apenas os sentidos dão conta. Então, nem irei tentar. Basta saber que o cheiro chega a ser até melhor do que o sabor (ou não, o bolo é uma delícia mesmo).

Assim que entrou na lotação e se sentou, percebeu que algumas pessoas começaram a olhar para ela. Ela estava com alguma sujeira no rosto? O cabelo estava desarrumado? Nada disso! Era o cheiro do bolo chamando sua costumeira atenção.

Até que um homem criou coragem, virou-se e falou:

- Moça, vai me desculpar, mas o cheiro desse bolo está incrível! Será que você poderia me dar a receita?

Ela nem pestanejou:

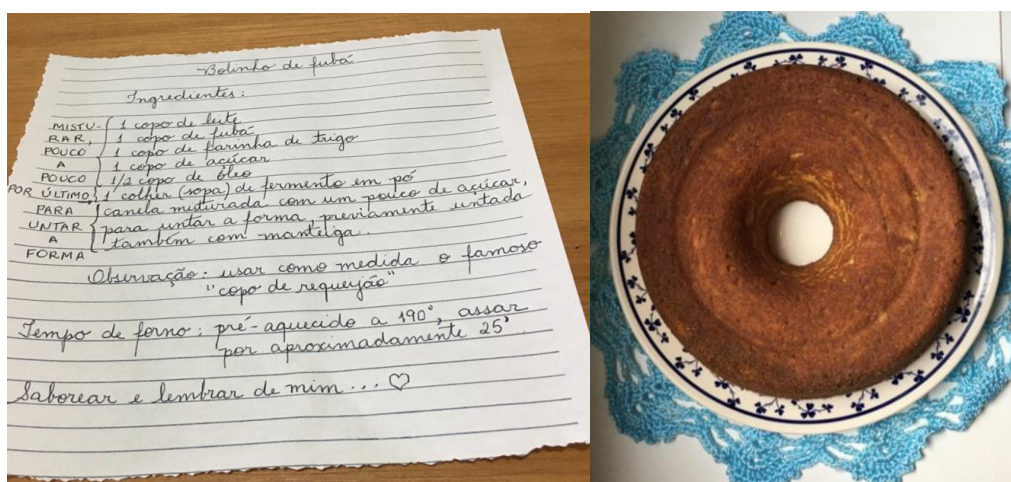
- Claro, moço. Ele é muito fácil! São cinco copos, aquele copo de requeijão mesmo, sabe? Essa é a medida. Um copo de leite, um de fubá, um de farinha

de trigo, um de açúcar e meio copo de óleo. Mistura tudo de pouquinho em pouquinho. Acrescenta uma colher de fermento. Para untar a forma e dar uma casquinha deliciosa, você mistura canela com um pouco de açúcar e unta a forma com manteiga. Você usa aquela forma pequena com furo no meio que dá certinho. Aí é só assar em forno médio por uns 25 minutos. Pronto! É só isso!

Assim que ela terminou de falar a receita, olhou em volta e viu que quase todo mundo da lotação também estava anotando. O homem ficou muito agradecido.

E foi aí que ela percebeu que o ponto de ônibus em que ela desceria já havia passado... Então ela teve uma ideia. Abriu a vasilha do bolo e distribuiu entre todos que estavam na lotação. O motorista ficou muito satisfeito. Por ser um bolo pequeno, ele se acabou ali mesmo.

Então, Sueli deu sinal e desceu no ponto seguinte, após fazer seu lanche comunitário na lotação. Ao sair, ligou para José, seu marido, explicando a situação e pedindo para que ele fosse buscá-la. Difícil foi falar onde é que ela estava. E chegar no serviço sem o bolo. Mas a história compensou. E o bolo foi aceito num novo dia. Mas quem poderia garantir que ele chegaria inteiro? Não dá para saber...



PERDER-SE PODE SER ENCONTRO

Minha mãe sempre foi muito ruim de localização. Muito ruim mesmo. Perdida de verdade. Certa vez ela saiu de seu prédio para ir à manicure. O caminho tinha no máximo cinquenta metros. E consistia em atravessar a rua na frente do prédio, andar para a esquerda, entrar à direita e atravessar a rua. Pronto, chegou. Ela se perdeu e tive que ajudá-la. Sim, é esse o nível de perdição. Mas, certa vez, ela vivenciou um acontecimento (sim, acontecimento, tamanha grandiosidade) que me ensinou que perder-se pode ser encontro.

Ela tinha algum compromisso de trabalho e teria que pegar o metrô para chegar lá. Ela desceria na estação Santa Cruz. Como morávamos no Tatuapé, ela teria que pegar a linha vermelha e fazer baldeação para a linha azul. Socorro! Só para explicar para ela essa história de baldeação eu já ficava de cabelo em pé!

Peguei papel e caneta e anotei tudo, enquanto explicava: “Mãe, você vai pegar o metrô aqui no Tatuapé, sentido Barra Funda. Aí você descera na Sé. Lá seguirá as placas da Linha Azul, sentido Jabaquara. É esse o trem que você pegará, nessa plataforma. Aí é só descer na Santa Cruz. Entendeu?”.

Ela respondeu que sim, mas seu rosto dizia exatamente o contrário. Para quem se perdeu em andar cinquenta metros a pé, o que se passava naquela cabeça enquanto eu dava uma explicação desse tamanho? Impossível imaginar... E lá foi ela, toda corajosa, enfrentar as dificuldades para chegar em seu destino.

Tudo começou bem. Embarcou no Tatuapé, sentido Barra Funda. Desceu na Sé. Tudo certo até aí. Mas ao descer, na hora de fazer a baldeação, tudo se complicou. Ela até viu as placas da Linha Azul, mas não conseguia entender qual era o sentido certo. Resolveu perguntar. Viu um moço. Ele estava de costas para ela. Ela tocou em seu ombro e disse:

- Por favor, você sabe como eu pego a Linha Azul, sentido Jabaquara?

Assim que o homem se virou, ela percebeu que ele era deficiente visual. O que ela iria dizer? “Esquece, não precisa”? De modo algum. Ela esperou. Ele abriu um largo sorriso e respondeu:

- Pois não! Segure no meu braço que eu te levo até lá.

E lá se foram. Ela não acreditou no que estava acontecendo! E pensou no quanto aquele gesto significaria para aquele rapaz. Talvez ele também conte essa história até hoje.

Ao caminharem, ela percebeu que o local que percorriam estava ficando mais vazio. Não tinha praticamente ninguém ao redor. Resolveu perguntar:

- Moço, você tem certeza de que a gente está no lugar certo? Não tem quase ninguém por aqui.

- Fique tranquila. Está certinho. Eu venho por aqui para seguir o piso tátil. Mas esse caminho chega no mesmo lugar. Logo a gente encontra a Linha Azul, sentido Jabaquara. Você vai ver.

E continuaram. Ele a deixou no lugar certinho. Ela agradeceu:

- Muito obrigada! Que bom ter te encontrado!

O homem voltou para o seu caminho, feliz. Por onde será que ele anda?

CAPÍTULO 6 – CARTEIRA DE TRABALHO (vida em curso)

Querido Papis,

Faltava a sua carta. E já quero começar agradecendo. Muito se fala das diferentes linguagens do amor. Demorei para perceber que a sua era “Atos de Serviço”. Isso mesmo. As frutinhas que cortou para nós diariamente ao longo dos anos, as mil e uma caronas, incluindo ir nos buscar na balada de madrugada durante a adolescência, todos os “sins” que nos deu ao longo da vida para quaisquer pedidos, mesmo indo contra o que realmente queria, se isso fosse nos ajudar de algum modo. Muito obrigada por tanto.

Algumas pessoas infelizmente guardam mais o seu traço ranzinza e esquentadinho. Eu não. Prefiro ficar com sua melhor parte, com seu coração sem tamanho. Eu enxergo isso, o quanto renuncia a si em função dos seus (de nós). E encaro com bastante humor seu jeitinho de ser. Acho engraçado, de verdade. Talvez por isso nos damos tão bem. Eu te entendo, pai. E te aceito, do jeitinho que é.

Sabe de uma coisa que me faz lembrar você, que acho que você não faz ideia? A terra. Tenho tantas memórias de nós dois cavando a terra para encontrar mandioca e batata doce. Tenho para mim que se você tivesse escolhido trabalhar com a terra nessa vida, teria se sentido bem mais realizado no campo dos ofícios. Assim que chega em qualquer lugar, você já repara nas árvores frutíferas que há ali, nas plantas, nas flores. Repara e comenta. E percebe mudança, como a poda cruel realizada na árvore aqui do meu condomínio.

Queria que você tivesse se encontrado no mundo do trabalho, assim como eu me encontrei. Mas lembre-se de que nunca é tarde.

Outra coisa que sempre fez com alegria foi me ajudar na construção de cenários para o meu trabalho. Lembra da casa giratória que o senhor fez para o mágico de Oz? Dos caixotes pintados para o Dom Quixote? De tantas e tantas madeiras transformadas em arte pelas suas mãos? Pois é... Como eu disse,

“atos de serviço”. O senhor me ajuda a lembrar de algumas histórias envolvendo meu trabalho em que estava presente?

MINHA FÃ NÚMERO UM

Faz parte da profissão do ator abdicar de muitos finais de semana, de datas comemorativas, aniversários, feriados e férias em função da profissão. Normal. Já começamos sabendo disso. Não à toa existe aquela camiseta com os dizeres “Não posso, tenho ensaio”. Trago verdades.

Apesar de já saber dessa realidade, de tempos em tempos, batia uma leve tristeza por perder algumas ocasiões especiais. O Dia das Mães estava se aproximando. E minha Cia estava em Cartaz num Teatro em Campinas. Pronto. Mais um Dia das Mães longe de casa. E longe dela, a minha mãe.

Estava me preparando psicologicamente para o final de semana, quando vi toda a minha família arquitetando ir me assistir no Teatro, uma peça já vista por eles umas mil vezes, em pleno domingo, Dia das Mães. Sim, essa é a minha família.

Até hoje não consigo mensurar a alegria que senti. Passamos o Dia das Mães no teatro, em função do meu trabalho. Em seguida, jantamos num restaurante e foi um dia de muita festa.

Mas a melhor história envolvendo meu trabalho e minha mãe é outra. Eu estava em cartaz com um espetáculo adulto chamado “Fora do Mundo”, dirigido por Analy Alvarez, que contava a história de Dona Yayá, uma personagem real que teve uma vida bem triste.

Nessa peça eu interpretava muitos personagens. Muitos, mesmo. Ainda acho que eu passava a maior parte do espetáculo trocando de roupa. Mas havia dois personagens mais significativos dentro do enredo: a afilhada da Yayá na fase da infância, que eu representava com o meu cabelo mesmo, e a menina da pipoca, que era uma espécie de aparição, que eu colocava uma peruca loira e cacheada para representar.

Um determinado dia, meus pais foram assistir à peça. Era um espetáculo muito bonito e sensível. Eles amaram! Mas a melhor parte foi a volta para casa...

Estávamos no carro. Os comentários eram só elogios. Foi então que minha mãe disse:

- Nossa, filha! Como você é boa atriz! Você está cada vez melhor! Eu amei! Amei tudo, mas você realmente se destaca, filha! Você estava incrível! Você e aquela loirinha.

Na hora já fiz cara de dúvida...

- Que loirinha, mãe? A Fernanda?

- Não, a Fernanda eu sei quem é. Sua amiga querida. Não era a Fernanda, era uma loirinha que eu não conheço. Nossa, essa loirinha também estava maravilhosa.

- Que loirinha, mãe? Não tinha nenhuma loira, a não ser a Fernanda.

Nesse momento, meu pai já tinha começado a dar risada. Ele já tinha entendido tudo. Eu, ainda não.

- Filha, era uma loirinha de cabelo cacheado até o ombro. Ela fez uma cena atrás de um tecido transparente. Era uma espécie de visão da Yayá.

Foi então que eu comecei a gargalhar, junto com meu pai.

- Mãe! Não é possível! Aquela era eu, mãe, fazendo outra personagem, a menina da pipoca. Eu uso uma peruca, para ficar diferente dos outros papéis. Mãe, juro, eu não acredito que você não viu que era eu!

- Era você, filha? Nossa, então realmente você arrasou!

Nesse dia tive certeza de quem é a minha fã número um. Ainda bem que eu também sou a dela.

CAPÍTULO 7 – PASSAPORTE (Para o leitor compreender essa viagem)

Essa viagem começa com o meu amor pelas palavras. Esse amor que, como já mencionei, herdei de mamãe. Devo também a ela todo gosto pela leitura que desenvolvi, através de seu incentivo constante. Amo dicionários! Os tradicionais e os poeticamente inventados (destes, gosto mais), como, por exemplo, o “Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento” da Adriana Falcão e o “Dicionário de Humor Infantil” do Pedro Bloch, que conta com definições como “Fé”, mencionada da seguinte forma:

“Fé é uma menininha, na praia, esvaziando o mar com um baldezinho de plástico furado”.¹

Jamais encontrei uma definição melhor para essa palavra. É perfeita, em sua concretude e em sua poesia.

A definição da palavra “Saudade” no mesmo livro é assim:

“Saudade é uma pessoa que quando estava perto nem fazia falta, mas quando falta, faz falta...”.²

Essa palavra tão difícil de explicar, mas tão fácil de sentir, que já contou com inúmeras definições de poetas, é, aqui, revelada claramente pelo pensamento de uma criança.

Esse meu eu, apaixonado pelas palavras, por poesia e pelas histórias, tornou-se uma pessoa de teatro. Teatro que faz tão parte de mim que não consigo separar uma coisa da outra, o teatro e eu. Não sei me apresentar sem incluí-lo, por exemplo.

Foi através do teatro que conheci a narração artística, a tal contação de histórias. E ganhei mais uma paixão. Minha Cia de Teatro foi desafiada a desenvolver um projeto de seis meses no SESC Bom Retiro, no ano de 2012. Esse projeto incluía duas contações de histórias semanais. Produzimos tudo

¹ Página 72 do livro “Dicionário do Humor Infantil”, de Pedro Bloch.

² Página 151 do livro “Dicionário do Humor Infantil”, de Pedro Bloch.

com muito amor e muita pressa. Foi então que me aventurei pelos caminhos da narração artística.

Comecei a perceber as diferenças entre um artista narrador que já inicia seu caminho pela contação de histórias de um que vem do teatro primeiro, como eu. Não me considerava uma contadora de histórias, mas uma atriz que se aventurava pelos caminhos da narração artística. As contações que eu realizava sempre pareciam, para mim, uma minipeça de teatro, tendo, inclusive, um roteiro detalhado.

Porém, o que me encantava, como plateia, nos narradores de histórias era justamente a espontaneidade. Sabe-se a narrativa, ponto de partida e chegada, mas o caminho a percorrer depende muito da espontaneidade do narrador ao contar e do modo como os ouvintes também interferem nessa ação. Isso é puro encantamento, magia... A magia que sempre senti ao ouvir minha mãe contar histórias.

Como eu chegaria lá? Eu, tão acostumada a ensaiar, tomei gosto pela segurança. E narrar de verdade tem risco. Tem surpresa. Tem planejamento, mas a melhor parte são os atravessamentos possíveis e espontâneos. Como eu chegaria lá?

Encontrei o curso de narração artística da Casa Tombada e o namorei por muito tempo. Queria compreender, aprender, desenvolver meu lado narradora. Em 2022 consegui me matricular no curso, que se tornaria uma experiência única na minha vida.

O trajeto foi brilhante! Mesmo em meio a tantas demandas externas que esse tempo me trouxe, às quintas-feiras, momentos de aula, eram horas de puro alívio e arrebatamento. Foi muito bom me sentir em casa.

Em 2023 começamos os processos de criação artística em torno da escrita do TCC. Diferente de outros lugares onde já pisei, no que toca a escrita acadêmica, na Casa somos incentivados à originalidade em sua essência maior. Certa vez, Giuliano trouxe uma frase retirada do filme “Tudo sobre minha Mãe”

do Almodóvar que, assim como o Giu, fui ouvir novamente da boca da personagem:

“A originalidade é o quanto cada um se aproxima de si mesmo”.

A frase, ao meu ver, conversou demais com uma das mais importantes citações de Walter Benjamin, escritor de quem me reaproximei ao estudar o texto “O Narrador” para um seminário da pós e, tantas vezes, também repetida no curso pelo Giu:

“O narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo”.

Tratava-se da escrita de si. Revivi o curso mentalmente para rememorar o momento em que mais me aproximei de mim. Lembrei-me da construção do Mito de Origem (anexo 1) e do processo de criação do Pharmakon (anexo 2) com a maravilhosa Sandra Lessa. Ali estava o ponto de partida para minha escrita.

Como disse, sou uma pessoa de Teatro. E, imediatamente, lembrei-me do processo de criação teatral que me trouxe uma sensação semelhante ao construir o Pharmakon: o processo de criação teatral do Espetáculo Documental “Invocados”, dirigido por Marcelo Soler, do qual fiz parte.

Somou-se a tudo isso uma vontade imensa de produzir um repertório autoral significativo, até para desviar da questão dos direitos autorais que existe quando trabalhamos com contações de histórias.

Então nasceu uma ideia: Transcriar, historiar a minha ancestralidade, com enfoque na minha mãe, personagem mais importante em minha vida, com o objetivo de criar um repertório autoral e de realizar um projeto futuro de narração artística dessas histórias, utilizando elementos da estética do teatro documentário. Assumir também nesse projeto essa mistura que permeia minha identidade artística, como narradora e atriz, trazendo elementos de ambos para performar os contos criados e vividos por mim. O objetivo com essa pesquisa é, também, tentar encontrar esse meio do caminho, entre teatro e contação de histórias. Uma pesquisa que começa com a escrita e precisará também da ação e experimentação.

Diário do Processo Criativo - Historiar e Transcriar

Ao sentir a liberdade criativa incentivada no próprio curso, ao optar pela “escrita de si”, comecei a escrever os primeiros textos. Eles surgiram em formato de carta. Apenas deixei meus dedos criarem livremente no teclado e isso resultou nas três cartas de introdução ao trabalho. Elas simplesmente fluíram, nasceram. Essa escolha por carta deu-se, também, pelo aspecto documental do trabalho. E, depois dessas três primeiras, decidi que todos os capítulos também começariam com uma carta a alguém que correspondesse com o que seria tratado no texto seguinte.

O passo a seguir foi estruturar o trabalho, dividindo-o em capítulos, que foram nomeados como documentos, pelo fato da estética escolhida para performar futuramente as histórias ser a documental. A intenção também foi gerar reflexão acerca daquilo que nos nomeia e identifica. Uma provocação sobre identidade real, elaborada pela brincadeira poética com a ressignificação das siglas que representam os documentos que emitimos no decorrer da vida. Isso também trouxe uma espécie de cronologia para as histórias, apesar de, muitas vezes, a escrita também transitar em passado e futuro, propositalmente, já que o fragmento e a não linearidade também fazem parte da cena documental.

Quando ressignifiquei o primeiro documento-capítulo, imediatamente surgiu o nome do trabalho: Ser Te Dão. Eu estava escrevendo sobre a minha ancestralidade, dando a importância maior à figura da minha mãe. Esse era o nome, não havia mais dúvidas.

O próximo passo foi escolher as histórias. Eram tantas..., mas essa é uma pesquisa que pretendo continuar, o que abrirá espaço àquelas que ficaram de fora nesse primeiro momento. Escolhi as de que jamais me esqueci, que nunca se desgrudaram da minha memória, e que mais se relacionavam com a organização dos capítulos.

Havia chegado o momento de historiar e transcriar, de fato, as histórias escolhidas. Elas estavam bastante frescas na minha memória. Mas, ao registrar, há outras preocupações. Detalhes importantes precisavam ficar claros, ao escrever. O registro precisava ser criativo e interessante. Perguntei-me, diversas

vezes, durante o processo criativo, se seria atrativo para alguém conhecer as histórias da minha família. Ao escrever percebi que, além de curiosos, os contos estavam criando um formato que possibilitaria bastante identificação com quem tivesse contato com eles. Essa constatação terei apenas experienciando, posteriormente. Por enquanto, é um sentir meu. Assim, historiei as memórias das quais fiz parte, registrando em texto tudo aquilo que, até então, morava apenas dentro de mim. Houve criação, também, em cima dos fatos, claro, as palavras gostam de floreios. Existiu bastante cuidado ao criar, já que divido essas histórias com outras pessoas. É interessante perceber que esse é o meu ponto de vista dos acontecimentos. Se qualquer uma das pessoas envolvidas também escrevesse as mesmas narrativas, certamente seriam outros contos.

Em seguida, foi o momento de transcriar, de cuidar das histórias que eram somente da minha mãe, as que cresci ouvindo e amando. “Transcrição é mais do que ajeitar: é reimaginar, recriar, refazer”³. Meu cuidado, então, foi redobrado. Pedi licença à minha mãe e juntei memória com criatividade. Ela se emocionou ao ler o resultado. “Teatralizando o que foi dito, (...) almeja-se transmitir ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato, e como é evidente, isso não ocorreria reproduzindo-se o que foi dito palavra por palavra”⁴, isso seria transcrição. Transcriei.

³ Página 139 do livro “Memórias e Narrativas” – informações completas sobre o livro na Bibliografia.

⁴ Página 139 do livro “Memórias e Narrativas” – informações completas sobre o livro na Bibliografia.

Diário do Processo Criativo – O Teatro Documentário

Com as memórias escritas, era o momento de imaginá-las sendo narradas com alguns elementos da estética do Teatro Documentário. Trata-se de uma espécie de planejamento / projeto de como pretendo narrar essas histórias futuramente, já que a estética documental estará no ato de performar a narração desses contos.

Irei sintetizar a partir daqui algumas definições importantes para a cena documental, a fim de gerar uma compreensão maior desse projeto futuro de narração artística dessas histórias escritas nesse trabalho, pela estética documental.

O Teatro Documentário é um gênero teatral criado pelo diretor alemão Erwin Piscator em 1925. O uso de documentos e fontes autênticas para a elaboração de um espetáculo, como depoimentos, fatos, memórias, relatos, entrevistas, cartas e diários, são as principais características deste conceito. Ao contrário do teatro convencional, que muitas vezes cria ficção a partir da imaginação do autor, o teatro documentário parte de fatos, experiências pessoais, entrevistas, depoimentos e materiais de arquivo para criar um espetáculo. Explora a realidade através de uma lente criativa e teatral.

A memória é a matéria prima da construção da cena documental. Seja a memória de um povo, de um lugar ou do próprio ator envolvido na criação. Neste último caso, o ator empresta suas vivências, suas histórias, sua trajetória, na busca do teatro mais autêntico possível. É a memória que traz a sensação de pertencimento que um ator sente ao participar de um processo criativo de Teatro Documentário.

O Teatro Documentário se mostra, em muitos aspectos, semelhante ao Teatro Épico. O ator não incorpora o evento, ele o conta (narratividade). A fala é um relato, um depoimento. As cenas são autônomas, sem encadeamento causal. Quando aborda eventos históricos, sai da esfera do interpessoal. A quarta parede é inexistente e o público, por vezes, é convidado a participar e até interferir na cena. E tudo isso carregado de performatividade. Ao invés de se

desenhar a cena tal como ela seria na realidade, dramatizando, ela se apresenta carregada de simbologia, provocando o público a desvendar conceitos e ideias.

O Documento Cênico é um item inserido na cena documental que comprova a veracidade dos fatos apresentados. Pode ser uma fotografia, um vídeo, um áudio, uma carta, ou até mesmo uma cicatriz... Vale ressaltar que a presença do Documento Cênico é fundamental, principalmente no sentido de aproximar o ator da obra, e o público do ator. É neste momento que a plateia se certifica de que não se trata de uma obra ficcional.

É tão importante a presença desse item que, quando não existe, o ator o fabrica. Quando há algo que já comprove a história que está sendo contada, seja uma fotografia, uma carta etc., este documento já existe e apenas é transportado para a cena. Esse é o Documento Cênico não-fabricado. Quando não há algo que comprove a história que está sendo contada, este documento precisa ser criado, elaborado, a fim de sublinhar a veracidade dos fatos, gerando a aproximação necessária com o público.

O Pacto Documental é uma espécie de acordo entre os criadores da peça e o público, estabelecendo a compreensão de que o que está sendo apresentado no palco é baseado em fatos e eventos reais. Os criadores da peça têm a responsabilidade de manter a integridade dos materiais documentais utilizados e de representar honestamente os eventos abordados. É uma espécie de apresentação dos atores com aviso ao público de que a obra não se tratará de ficção.

Ao narrar as minhas memórias, as histórias escritas neste trabalho, pretendo que minha fala de relato seja tão natural, profunda e honesta, a chegar ao ponto de parecer quase uma confissão. Para mim, essa é grande parte da potência da cena documental. Vou inserir o Documento Cênico, fabricado ou não. Quero fragmentar as histórias, inserindo participações dos ouvintes. E não pretendo me preocupar com a linearidade. O Pacto Documental será estabelecido, mas não ao início da narração. Quando os ouvintes já estiverem mergulhados na narrativa, de surpresa, estabelecerei o pacto, afirmando se

tratar da minha memória. Já senti isso como plateia e acredito ser uma estratégia deliciosa.

Isto é o que pretendo no meu projeto. O grande desafio será manter essa estrutura como narração artística. A intenção não é transformar em espetáculo. É encontrar essa linha tênue entre ambos, principalmente quando a criação parte de uma atriz bastante acostumada com a linguagem como encenação.

CONCLUSÃO

Ao finalizar essa escrita a conclusão a que chego é de que a pesquisa está apenas começando. Ela precisará da experiência, para constatar se a ideia é possível ou não, se é boa ou não. Esse “meio do caminho”, ao idealizar de modo escrito, parece-me ter pedras, mas também muitas flores. Creio que levará tempo e bastante experimentação para chegar lá.

Essa nossa necessidade de nomear as coisas, ao mesmo tempo que incentiva a investigação, pode atribular os passos. É narração ou é teatro o que se pretende fazer? A verdade é que é um pouco de cada. E que eu ainda não sei dizer direito. Por isso, a pesquisa, a experiência.

Durante os estudos, deparei-me com muitos materiais e vídeos da Emilie Andrade e seu processo recente com a “A Casa de Luzia” – projeto que certamente me elucidará várias questões aqui apontadas. Emilie já está percorrendo o caminho, que olharei bem de perto para encurtar meus passos. Outra coincidência (ou não): fizemos estágio juntas no SESI-Osasco quando cursávamos Artes Cênicas. Primeira vez em que dei aulas de teatro. Como a Emilie diz, processo criativo a gente não saberá antes o que será. A gente descobre fazendo. Isso é o que pretendo: descobrir.

Por enquanto, estou extremamente grata e feliz com as constatações que fiz até aqui. Nossa ancestralidade é um tesouro valioso. Registrar as nossas histórias, além de ser um exercício de extremo prazer, ajuda com que nada se perca com o passar dos anos, inserindo, ainda, aquele tempero criativo que só conseguimos ao parar e escrever. Documentar. Ah, as palavras...

A sua história importa! A minha, a sua, a da sua vizinha, a do genro da sua amiga... Que valor inestimável encontramos nas memórias. Quanta identificação. Quantas reflexões possíveis a partir desse contato. É como dizem... “Eu conto porque alguém me contou...”. Que continuemos a produzir e a alimentar esse ciclo infinito das histórias de todos nós.

ANEXO 1 – Mito de Origem

A minha história, como a de todos nós, começa muito antes do princípio do qual nos lembramos ou que nos foi contado... Porém, trago essa memória na lembrança do corpo, na lembrança do olfato, do tato... A memória “invisível” do sentir, que às vezes surge pelo inconsciente, e que constitui cada tijolinho importante dessa casa que chamo de “eu”.

Da parte que me lembro (ou que me foi contada), o início acontece em Natal, cidade sol, terra de “vóinha”. Francisca Olímpia da Fonseca, minha vó, por parte de mãe. A única vó/vô que eu e minhas irmãs conhecemos. A responsável ser possível, para nós, materializar essa relação tão mística que é a relação entre avós e netos.

Vovó tinha onze irmãos no total: todos também Franciscos ou Franciscas – Promessa para São Francisco de Assis (será que é daí que vem minha paixão pelos animais e minha devoção por este mesmo santo?). Por terem o mesmo nome, todos tinham um segundo nome no registro, pelo qual deveriam ser chamados. O de vovó era Olímpia, mas ela detestava! E inaugurou a moda dos “apelidos” escolhidos por eles. Assim, vovó, por escolha própria, na família, era conhecida como tia Sofia! Assim foi com tia Dedé, tia Dê, tio Cisquito... Entre tantos outros...

Quando tinha entre 22 e 23 anos – idade já tardia para a época – ela conheceu meu avô, Wilson. Minha mãe contava que ele descrevia o encontro como amor à primeira vista. Ele avistou vovó de longe quando estava num transporte público (eu sempre imaginei um bonde) e decidiu descer e procurar a casa onde ela havia entrado. Dizia que estava escuro e usou fósforos para conseguir realizar sua missão (rs). Conseguiu! Depois de muito cortejar vovó, casaram-se! Ele com 19 anos, vovó com 23. Casaram-se, mesmo vovó estando no “caritó” (rs) e com tuberculose, doença gravíssima para a época.

Vovô era ambicioso! Queria uma vida melhor e acreditava que isso não se daria por lá. Em 1947 chegaram em São Paulo, sem nada certo em vista. Apenas tinham por aqui parte da família que morava em São Miguel Paulista. Vovô arrumou um trabalho e construiu uma casa. Assim começaram a vida por

aqui. Tiveram 3 filhos. A do meio, minha mãe, Suelizinha. Logo entraremos neste capítulo.

Esse meu avô, que não tive a oportunidade de conhecer, segundo mamãe, era um figurão. Piadista, com o qual, certamente, eu teria me dado muito bem. Paixão de mamãe. Ele chamava a minha vó de “Cisca”, para irritá-la, ao que ela respondia prontamente: “Não me chame assim que eu não sou galinha!” (rs). Ao falar dele, sempre sinto saudade daquilo que nem vivi... Vovô morreu jovem, em decorrência do cigarro... Ele fumava o mais forte da época, um tal de Continental sem filtro. Fumava dois maços por dia, mesmo tendo bronquite crônica asmática. Ele se foi, aos 51 anos de idade. Mas deixou sua mais bela herança... Minha mãe! Nossa relação tem origem muito anterior a esta vida, aos que possam acreditar.

Mamãe, muito sonhadora, imaginativa, desde sempre. Foi de quem herdei o amor pelas palavras e pela arte. Estudiosa, não sabia colar na escola e foi pega na única tentativa. Uma colecionadora de histórias inusitadas (somente estas já dariam um livro completo). Mamãe fez Letras, mas trabalhou primeiro no Banco do Brasil, até se aposentar. Apenas depois disso, iniciou sua carreira na educação. Este sonho que, apesar de tardio, desenvolveu com maestria! Ela é a idealizadora do Projeto AEL – Academia Estudantil de Letras, que acontece nas escolas municipais de São Paulo. Tornou-se escritora. Aposentou-se, novamente, depois de muito trabalho, agora na Secretaria Municipal de Educação (SME), encerrando sua carreira, treinando pessoas para dar continuidade ao seu projeto, o seu sonho. Mamãe é a minha paixão! E minha maior incentivadora também.... “Filha, a gente não perde nada sendo bom!”

Mamãe e papai se conheceram ainda na escola. Papai ficou órfão muito cedo, teve um início de vida bem sofrido, e foi criado por uma tia na Vila Maria, a tia Amália. Ali se conheceram. Namoraram, casaram e estão juntos até hoje. Só tiveram um ao outro (ao menos é o que eles dizem – rs). Dessa relação brotou 3 sementinhas: Valéria, Vanessa e eu, Vivi. Sim, todas com “V”. Essa coisa com os nomes realmente é um traço de família (rs).

Sou a caçula, a raspa do tacho, como dizem por aí. E minha mãe estava com “DIU” quando eu nasci, ainda decidindo se teriam ou não mais um filho. Mamãe diz que eu tinha que vir! E ainda faz piada com isso a vida toda, dizendo que tenho uma irmã gêmea chamada “Diulinda”, que nasceu alguns minutos antes de mim (já que o DIU realmente só saiu na hora do parto, para não ter riscos durante a gravidez).

Quando nasci, ao invés de chorar, mamãe teve crise de riso! Primeiro porque eles não quiseram saber o sexo de nenhum dos bebês antes do nascimento. Então, quando ela viu que seria mais uma menina, começou a gargalhar, desacreditada (acho que ria da cara do meu pai também! Rs). Além disso, ela disse que eu era uma bolinha, que não tinha mais para onde ser gordinha, e muito, muito peludinha! Ela me achou muito engraçadinha! Posso com isso?

Crescemos numa casa cheia de vida, barulho de criança, brinquedos espalhados, cheiro de bolinho de banana no ar, campanha tudo no lugar, saco azul, choro, cachorro latindo, Mc Donald às sextas-feiras... Uma casa cheia de lembranças boas!

Lembro do primeiro contato com a morte, quando tia Lourdes se foi... Do convívio diário com o Alzheimer da Vovó, em que ela ia morrendo um pouquinho por dia, sem nem perceber... Das escalas que fazíamos para cuidar e dormir com o Billy, nosso cãozinho, no fim de sua vida, das baladas da juventude que perdi, em vista dessa responsabilidade... Lembro de não gostar do namorado da minha irmã, que só a fazia chorar... Lembro de começar a trabalhar – já numa escola – de começar a dividir as contas de casa e perceber o caos que era ser adulto... Lembro de amar demais.... Amar de menos.... Ganhar sobrinhos, um amor sem medida que eu não conhecia!

Sair de casa, tomar as tais rédeas da própria vida... Viver da arte, que sonho! A chegada da Amora, filhota canina... Logo após, decepcionar-me como nunca... Despedaçar o coração... Juntar os cacos, colar tudo com supercola e ver que nada fica no mesmo formato, no mesmo lugar... E ver que isso é bom! Pegar esse novo eu e recomeçar deste ponto... Até chegar ao hoje!

Olhar no espelho e se orgulhar do caminho percorrido até aqui. Cheia de vontade de mais e mais! E sabe qual é a maior ironia disso tudo? Se eu decidir ser mãe (de humanos, pois de cachorros já sou), sabe como se chamará meu filho? Francisco! Para chamar de Chico! Eita ironia boa da vida... Vai dizer que isso não está lá na origem?

ANEXO 2 – Pharmakon

De quem é o rosto dessa foto em preto e branco que guardo em minha memória? Procuo meus olhos naqueles olhos... Procuo meu cabelo naqueles fios emaranhados... Procuo minha pele naqueles poros... Até hoje, quando me falavam de meu avô Wilson, era aquela foto que inundava minha cabeça... Até hoje!

Quando decidi navegar pelo meu passado, em busca de preencher certas lacunas de mim, me deparei com muitas fotos do meu avô Wilson. Espera aí! Meu avô Wilson? Esse é meu avô Wilson? Mas não era assim que eu me lembrava! De quem é o rosto dessa foto em preto e branco que guardo em minha memória? – “Oxe, mas você nem conheceu ele, menina!” – É verdade... E que falta que me faz aquilo que eu nem vivi com o senhor, vô...

É como mamãe diz: “Você ia amar tanto o seu vô... Ele era a sua cara!” – Não fisicamente, pelo que me contam, mas o jeito! É dele o humor que herdei... É dele meu apreço por uma farra, uma cervejinha, por estar entre os meus...

Ele, que amava tanto a vida, preferiu viver menos para viver como bem quisesse, fosse o tempo que fosse... Quer saber, vô, puxe uma cadeira, abre uma cerveja e se sente aqui, pra gente conversar... O que eu vou te dizer vem da teimosia que certamente também herdei de você... Custava dar uma maneirada só pro teu corpo ter aguentado um pouco mais e eu ter podido te olhar nos olhos, sem ser pela foto que imagino...? Te dar um abraço, sem ser nos meus sonhos...? Fico muito brava por não ter te conhecido... A gente ia se amar tanto, vô...

De quem é o rosto dessa foto em preto e branco que guardo em minha memória, se não é o teu rosto? Pego alguns fósforos, como aqueles que você usou para encontrar a vovó, se lembra? Paixão à primeira vista! O senhor desceu do bonde e a seguiu, tarde da noite, iluminando tudo com seus fósforos para ver em qual casa ela entraria. Pego esses fósforos e não sei se queimo essa memória esquisita ou a ilumino, na tentativa de desvendar esse mistério...

Falando da vovó, sabe do que eu sinto falta? De colecionar momentos com o senhor, como tive com ela... Como me encaixar atrás dela e usar o seu bumbum de travesseiro para assistir à novela das oito... Como o cheiro de abobrinha que povoava a casa toda... Como ficar mexendo naquela verruga gordinha que ela tinha em uma das mãos... Nossas memórias, minha e sua, vó, ficaram todas no “e se”... Você bem que podia ter me dado um pouco mais de tempo...

Mexo em caixas, gavetas, prateleiras, armários... E nada de encontrar o tal rosto da foto em minha memória... Acho que ele mora apenas ali... Ou talvez, também, no coração...

É então que começo a perceber que aquele pode ser o senhor, sim, vó, mas num momento ainda mais antigo da nossa ancestralidade... Será que a gente não se encontrou, só que em algum outro lugar do tempo? Será que é daí que vem esse rosto e esse amor que sinto tão vivo aqui e agora no meu peito? Essa ligação é muito mais antiga do que eu imaginava... A ponto de eu te lembrar, sem nem te conhecer...

É teu, sim, vó, esse rosto da foto. Eu sinto aqui dentro... E a gente não ia se amar... A gente se ama... De muitos outros carnavais...

BIBLIOGRAFIA

ZAMBONI, Silvio. **Pesquisa em Arte**: Um paralelo entre arte e ciência. 4ª Edição. Campinas: Autores Associados. 2012.

RODRÍGUEZ, Víctor Gabriel. **O Ensaio como Tese**: estética e narrativa na composição do texto científico. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes. 2012.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do Tempo Espiral**: poéticas do corpo-tela. Editora Cobogó. 2021.

BENJAMIN, Walter. **O Contador de Histórias e outros textos**. 2ª Edição. São Paulo: Editora Hedra. 2020.

BENJAMIN, Walter. **A Arte de Contar Histórias**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Hedra. 2018.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A Renovação do Conto**: Emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez. 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: Ensaio sobre Walter Benjamin. 1ª Edição. São Paulo: Editora 34. 2014.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e Narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Editora Contexto. 2021.

SOLER, Marcelo. **Teatro Documentário**: a pedagogia da não ficção. São Paulo: Editora Hucitec. 2010.

FALCÃO, Adriana. **Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento**. São Paulo: Editora Planeta. 2003.

BLOCH, Pedro **Dicionário de Humor Infantil**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Ediouro. 1998.